

CONSTITUCIONAL

Anno 1.

Assignatura
POR ANNO 8\$000
POR SEMESTRE 4\$000

Publica-se aos Domingos.

Joinville 28 de Fevereiro de 1886.

Assignatura
Pelo correio
POR ANNO 9\$000
POR SEMESTRE 4\$500

Nº 28.

CONSTITUCIONAL.

Joinville, 28 de Fevereiro de 1886

Na altura da aggressão....

O novo „Corsario“ trouxe em seu ultimo numero uma formidavel descompostura ao eleitorado conservador de S. Francisco pelo facto de ter dirigido em data de 4 do corrente um officio congratulatorio ao digno administrador da provincia depois de haver declarado adherir a opposição levantada na capital contra S. Ex.

O facto não merecia invectivas tão vis.

O partido conservador d'aquella cidade não podia e nem devia continuar a manter-se em attitude hostil á presidencia.

Qual o acto praticado pelo Exm Sr. Dr. Rocha e que fosse capaz de motivar o desgosto do eleitorado franciscano?

Devia porventura o partido conservador unir-se a um grupo de homens, que trabalham e lutam pela candidatura do cons. Mafra, liberal extremado e que durante o dominio liberal tanto espesinhou aos seus adversarios?

Não seria isso concorrer para o aniquilamento do partido conservador na provincia?

Accresce que o orgão da dissidencia na capital já declarou solemne e publicamente que a opposição ao presidente foi tão somente oriunda da imposição da candidatura — Pinto Lima.

Pois bem. E o que tem com a luta do 2.º districto o eleitorado conservador do 1.º?

Foi, portanto, acertado, acertadissimo o passo que acabaram de dar os nossos amigos d'aquella cidade, attendendo tambem á que todos os collegios eleitoraes do 1.º districto estão identificados com o Sr. Dr. Rocha, a quem votam o mais franco e decidido apoio, porque é um administrador que honra ao governo de que é delegado.

E' falso, falsissimo o que diz o escriptor do „Corsario“, affirmando com extraordinaria desfaçatez que a redacção d'este periodo não quiz que fossem publicados artigos de opposição, vindos de S. Francisco.

Nunca os nossos amigos d'aquella cidade remetteram á redacção do „Constitucional“ uma só linha em opposição á presidencia.

Já dissemos e repetimos hoje que não extranhámos essas falsidades, pois estamos habituados a ver o bufarinheiro politico mentir descaradamente.

E' um mentiroso vulgar, que lança mão dos meios mais torpes e mais repulsivos para chegar aos seus detestaveis fins.

Pedimos-lhe que não se incomode com a direcção que vae tendo o partido conservador de S. Francisco.

O eleitorado conservador d'alli continúa muito satisfeito com os seus chefes, e despreza tão miseraveis intrigas, porque sabem que partem de muito baixo.

Cuide de si e de seus asseclas.

Não falle em retractação, pois deve lembrar-se d'aquella futuro eleitor que depois da eleição geral em 1881 felicitou por officio ao Dr. Taunay pelo seu esplendido triumpho, e poucos dias depois mentiu á sua consciencia, faltou á fé jurada e ainda hoje é um dos maiores inimigos d'aquella notavel cidadão.

O proprio bufarinheiro deve recordar-se de que quando alli aportou com pés de lan era um fervoroso entusiasta do Dr. Taunay á ponto de dizer abertamente que, se algum dia fosse eleitor, a elle daria o seu voto.

Cedo, porem, mudou de rumo e o Dr. Taunay, deixando de ser um homem de talento vigoroso, como o seu apologista confessava, passou a ser em sua nova opinião uma mediocridade vulgar.

Tempora mutantur...

Res tua agitur...

Isto é que é ser leal, sincero, ter caracter emfim!...

Toda aquella catilinaria contra os conservadores de S. Francisco é motivada pela raiva que domina o espirito do adversario, que vê approximar-se o dia de serem os seus amigos demittidos dos lugares que ainda occupam.

Eis a grande questão; é este o duende que o persegue.

Mas pode estorcer-se á vontade nas convulsões da colera e do desespero; pôde gritar estonteado e frenetico, espumando e mordendo á torto e á direito.

Quando quizer curar-se do terrivel mal de que se acha atacado, lance mão do lenitivo que o illustre professor francez Pasteur tanto aconselha, se é que conhece as ultimas descobertas d'este sabio.

Está satisfeito com esta resposta?

Ad extremos morbos, extrema remedia.

EDUCAÇÃO FAMILIAR

O LUXO.

Os casamentos.

Extirpar da sociedade os vicios adquiridos desde longos annos, transmitidos

de pais a filhos como uma herança fatal, arraigados no coração dessa sociedade, que se sente morrer, victima delles, mas que parece temer mais o curativo do que a morte, é por certo trabalho difficil, mas que nem por isso me parece razoavel que deixemos de tentar.

Já disse, e repito, que a simplicidade no vestuario demonstra elevação moral.

Assim Herbert Spencer affirma que os adornos precederão o vestuario, e que quanto mais selvagem é um povo, tanto mais pensa em adornar-se.

O luxo é portanto a antithese da civilização.

Mas quando o luxo é apenas a expressão da ignorancia, perdoa-se e podemos quando muito lamentar aquelles que o usão; mas si elle significa o embuste, a mentira, a fraude, — não infunde compaixão, causa nojo.

Todos os dias se reproduz na nossa sociedade um facto que não deve passar desaperecebido.

Não é tão velha a usança que possamos por ella accusar nossos pais ou nossos avós peis data de poucos annos, mas tem lavrado por tal fórma, que os mais avisados a julgão já irremediavel.

Refiro-me ao luxo dos casamentos, essa mentira sobre que se assenta o mais santo dos templos: a familia.

Ponho de parte as classes abastadas, já porque sonda menos numerosas, porque influem no restante da sociedade, já porque o luxo de que se cercão apenas revela ignorancia, ou, quando muito, umas conveniencias sociaes, que essas mesmas classes crearão, e com que disfarção a vaidade e o desejo de esmagar as outras.

E' porém para lamentar o vêr que o homem da classe média, o operario, o trabalhador, se deixé vencer por uma vaidade sem explicação, para iniciar por uma festa carnavalesca, por uma mentira imperdoavel, a nova existencia que começa para elle no casamento.

Nunca até alli tinha entrado n'um carro, a casaca é para elle um traste novo, incommodo e inutil para o futuro; as luvas brancas servir-lhe-hão a penas

FOLHETIM.

POBRES SOGRAS.

Conversavam Mlle. S., e o Sr. P., um guapo rapaz, isolados no pequeno espaço, que um paravant preservava do excesso de luz, embora augmente o numero dos que acham em tudo suspeitas e mysterio. Infelizmente ainda está muito em voga a escola antiga da conversa declamada e testemunhada.

Mlle. S., é uma encantadora creaturinha, mignonne, graciosa, possuindo a franqueza e alacridade discreta das mulheres meridionaes, e a coqueterie fina d'uma fidalga opulenta. Bellos olhos, grandes, rasgados, luminosos, intelligentes e simulados; nariz distincto, correcto e dominante como um soberano; a bocca graciosissima; os dentes, riso e a voz namam um concerto harmonioso da sua pureza em plena primavera; uma cauda leira sedosa, abundante, cendrée, dada com arte, de modo que a nuca mu um irreprehensivel bloco de jaspe, e

a testa uma nesga de setim roseo, guardado de franja caprichosa. Tem mãos estatuarias, pequenas, dedos ponteagudos, e de frescura só comparavel as petalas de jasmim e rosas.

Quando se conversa com Mlle. S. pensa-se que a fortuna, a mocidade e a belleza a tornam uma fidalguinha orgulhosa, exclusivista, irresoluta, exagerada, nas suas phantasias, nas suas vontades, na sua altivez, unida a uma franqueza, que apenas nos permite achal-a um supplicio passageiro e uma impressão agradavel de toda a vida. No fim de contas, porém, não ha quem não diga: — Ali está uma moça inteiramente feliz!

Puro engano! A felicidade muito completa ás vezes é um obstaculo. Si Mlle. S. não fosse rica, já teria desposado um homem que a merecesse inteiramente. Os que a pretendem, exploram-na.

Quando se deliberão a fazer-lhe a côrte, já têm passado pela Caixa da Amortização. Os que nunca a pretenderam, porque pensam não ser acreditados no seu desinteresse digno, estes

vão seu caminho, silenciosos e indifferentes. Nem suspeitam que entre elles estará talvez o homem possivel!

Os dous tiveram tempo para dizerem-se muitas cousas emquanto eu conversava com Mme. C., a tia, que a recebeu orphã e a educou como filha.

De repente Mlle. S. não disse mais nada, e o Sr. P. deixou o logar mysterioso, onde passára seguramente uma hora. O moço tinha a physionomia um pouco alterada, e lutava com visivel difficuldade para entrar na conversação atrahente que Mme. C. sempre anima, provoca e prolonga, sem estrepito e sem reclames preciosos.

Para situações taes, só ha realmente uma solução: é precipitar a retirada. Foi o que fez o Sr. P.

Fiquei muito intrigado com o caso. — Não tenho difficuldade em referir-lhe o que se passou, disse-me Mlle. S. adivinhando a minha curiosidade. Este homem faz-me a côrte em Petropolis, no theatro, nos bailes, por toda a parte,

emfim. A principio achava-o massante confesso. Depois vi que era injusta: elle tem algum espirito, ao menos tanto quanto basta para me fazer sahir do tedio que me causam as contradições. Ultimamente conheci que elle procurava collocar a sua declaração, e então notei que os homens não são tão fortes como se apregoam. Afinal elle teve hoje a coragem precisa para... suicidar-se. Perguntou-me si eu queria casar-me. Achei aspera de mais esta palavra, mas, emfim, não ha outra principalmente desde que se trata de aclarar uma situação. Respondi-lhe que sim; e um pouco commovida accrescentei: — mas com uma condição — depois que o senhor inventar o meio de se não ser ao mesmo tempo duas cousas tristes — orphã e herdeira. O que havia de responder o meu apaixonado — Orphã e herdeira. Duas cousas ideias, minha senhora: a apolice sem a sogra! Ergui-me indignada com o quem diz: — Não, e rua!

— Pois elle sahiu, como quem entendeu perfeitamente uma e outra cousa. Pobres sogras!

J. A.

